



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15927 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT13 - Educação Fundamental

TRAVESSIAS DAS MASCULINIDADES NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA: ENTRE NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS E EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS

Zenildo Santos Silva - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

1 INTRODUÇÃO

Expressões como: “homem não chora”, “homem pega todas”, “homem é forte” ou “homem não se apaixona”, por exemplo, são ditas para meninos e jovens quando seus comportamentos destoam da masculinidade hegemônica; eles são criados para terem posturas ativas, agressivas e viris, o que acaba criando expectativas em relação à sua identidade. Estes já crescem nesse ambiente onde há um discurso perverso que controla os corpos e subjetividades humanas: ou se enquadram no perfil ou são subalternizados por não se adequarem à cisheteronormatividade.

Por isso, discutir sexualidade implica pensar de que maneira o sistema educacional, através da escola e outras instituições sociais ensinam modos de ser homem e mulher. No entanto, meninos e meninas não são apenas receptores passivos de imposições. Alunos e alunas, de diferentes modos, reagem ao recusar ou ao assumir aprendizagens sobre o feminino e o masculino ensinadas implícita ou explicitamente nos processos educacionais (AUAD, 2006).

Destarte, surge a seguinte problemática: como as histórias de vida e formação dos professores constituíram suas masculinidades na docência? De que maneira as masculinidades permeiam as trajetórias dos professores e suas experiências pedagógicas? Os muitos discursos nos ajudarão a investigar de que maneira o professor lida com questões relacionadas aos papéis de gênero e masculinidade no cotidiano escolar.

Trata-se de uma pesquisa doutoral, em estágio inicial, cujo objetivo geral consiste em compreender, através das narrativas (auto) biográficas, as travessias das masculinidades na

constituição das experiências pedagógicas na educação básica. Especificamente buscamos identificar as experiências de masculinidades construídas nas histórias de vida e formação dos professores; analisar como as experiências de masculinidades/ vida-formação atravessam as experiências pedagógicas; e entender como professores significam as relações de gênero e atribuem sentidos às masculinidades na docência.

Assim, este estudo justifica-se pela relevância desse conhecimento para desconstrução da lógica cisheteronormativa que corrobora com arranjos sociais, conhecimentos e práticas de relações de poder marginalizadoras, dos/as sujeitos/as com comportamentos identitários diferentes da norma.

Utilizaremos como arcabouço metodológico a epistemologia das narrativas porque acreditamos que é a melhor estratégia para o que pretendemos estudar. Esse método proporciona pensar a metáfora das histórias de vida como texturas diversas, arqueologia das experiências que se desdobram, permitindo que os(as) pesquisadores compreendam como os indivíduos percebem e dão sentido às suas experiências de vida-formação-profissão. Isso é essencial para revelar as nuances das interações e processos de aprendizagem que muitas vezes são perdidas em métodos quantitativos.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Conversações sobre Masculinidades

Nos estudos pós-estruturalistas sobre homens, a masculinidade não é entendida como constituição biológica, mas como um contorno construído que nos leva ao encontro de uma história plural, na qual representa uma variável edificada de acordo com as diferentes raças/etnias, temporalidades, áreas geográficas, diferenças de classe, religião e orientação sexual de cada um. Nesta visão, as masculinidades não são identidades fixas, mas configurações da prática de gênero que devem ser entendidas como constructos políticos complexos localizados hierarquicamente em um regime de gênero (PRIORE; AMANTINO, 2013).

Assim, masculinidade não se limita aos homens, mas também a artefatos, eventos, sequências, vivências. Em determinadas situações, a masculinidade pode também ser atribuída às mulheres, porque o que está em questão são as relações que são produzidas e os papéis de masculino e feminino elaborados através dessas construções. Destacar o caráter relacional do gênero é dizer que os estudos sobre homens/mulheres devem considerar as imagens sobre masculino e feminino como dependentes e constitutivas das relações sociais.

Nos últimos anos, as pesquisas sobre masculinidades foram adquirindo maior visibilidade na produção acadêmica brasileira. Refletindo sobre o percurso que tais estudos foram trilhando, ao nos depararmos com as produções, percebemos que foi apenas na década de 1960 que se abriu um primeiro espaço para refletir, compreender e pensar a dinâmica que

envolve as relações de gênero, nas perspectivas das feminilidades e masculinidades.

Na visão de Connell (1995), a masculinidade não seria unicamente determinada por aspectos biológicos, mas também pelos contextos psíquicos e sociais, não sendo apenas vinculada a uma única forma de ser homem, possibilitando-nos pensar em masculinidades plurais. Essa quebra de paradigmas nos ajuda a não pensar em masculinidade hegemônica, mas entender que há cruzamentos de múltiplos elementos de subjetivação que se ligam, desligam e religam influenciando a construção/desconstrução da subjetividade dos indivíduos, que confrontam o modelo binário, nos permitindo falar de diversos gêneros e masculinidades.

2.2 A escola como palco das expressões de gênero

O ambiente escolar é um espaço de produção e reprodução de papéis sociais e sexuais que, por um lado, condizem com os estereótipos tradicionais e dicotômicos acerca do masculino e do feminino. Mas, por outro lado, surge também como um espaço onde se constroem novos, diversos e alternativos modelos de exercício de masculinidades e de feminilidades que escapam à lógica hegemônica, trazendo possibilidades e pondo em xeque qualquer obrigatoriedade e engessamento dos/as sujeitos/as (AUAD, 2006).

Frente a esta realidade, a escola deve considerar, firmando-se em referenciais não-hegemônicos, os diferentes modos como cada pessoa vive a masculinidade ou feminilidade, principalmente porque o espaço educacional é local de intensa produção de modos de ser; é um ambiente em que o atributo da virilidade circula entre estudantes, com diferentes significados, assim como nas práticas pedagógicas e no currículo. Ela sem sombra de dúvida reproduz as desigualdades de gênero, sancionando a educação diferenciada que meninos e meninas recebem (AUAD, 2006).

Louro (2011) questiona de que forma os espaços pedagógicos têm lidado com a diversidade cultural, em especial à diversidade sexual, e se conseguiu produzir práticas no sentido de acabar com o silenciamento e com toda e qualquer forma de violência e/ou discriminação em seu ambiente, contribuindo na luta pela promoção da igualdade de gênero e da cidadania das variadas orientações e identidades de gênero. Seu pensamento provoca os seguintes questionamentos: será que há movimento nos estudos pedagógicos em torno de ideais de igualdade, de inclusão, de integração? De que forma os/as educadores/as vêm trabalhando esses ideais, já que a escola está imersa na lógica da cisheteronormatividade?

Pensar em respostas para os questionamentos acima nos ajuda a perceber que o sistema educacional precisa compreender que não existe um modelo universal de masculinidade válido para todos os tempos e lugares, pois tanto a masculinidade quanto a feminilidade são construções históricas, mutáveis e relacionais. Não podemos ver, portanto, essas expressões de gênero como um objeto isolado, mas sim como um aspecto de algo mais amplo. Ter esse olhar é primordial para a quebra de paradigmas no âmbito curricular.

Ao repensar as questões de gênero, o sistema de ensino contemporâneo poderá reconhecer o protagonismo de homens e mulheres, as diferentes formas de ser homem, a variedade de identidades e culturas que coexistem em seu cotidiano, permitindo o trabalho com a construção do senso de relatividade do conhecimento. Também a partir da compreensão histórica das relações de gênero, o/a educador/a pode redimensionar sua prática questionando a importância de determinados assuntos e o próprio conceito de conteúdo, refletindo sua compreensão sobre o passado e sua relação com o planejamento e os diversos recursos.

2.3 TESSITURAS COM NARRATIVAS: entre histórias de vida e experiências pedagógicas

A pesquisa é uma ferramenta efetiva que tenta responder os porquês que norteiam o saber; por isso, constitui-se num procedimento formal para a aquisição de conhecimento sobre a realidade, exigindo pensamento reflexivo e tratamento metodológico na procura de respostas para os questionamentos suscitados. É por meio dela que o/a pesquisador/a consegue entender o mundo a sua volta, e reflete sobre possíveis soluções para problemas que surgem no decorrer do processo. No entanto, a pesquisa não responde toda a realidade, ela é apenas uma maneira de interpretá-la de forma mais sistematizada, pois indaga e entende o problema de estudo através da relação teoria – prática.

Desse modo, por se tratar de um estudo que envolve vivências, optamos pela abordagem qualitativa, já que esta é utilizada em situações em que o/a pesquisador/a está envolvido/a com o objeto estudado. A pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo. Para alcançarmos os objetivos propostos utilizaremos as narrativas como método, porque seu uso é um campo fértil para apreensão de dispositivos da vida social, humana e das diferentes formas de representações que construímos sobre a vida. Essa técnica se caracteriza como ferramenta não estruturada, objetivando a profundidade, de aspectos específicos, a partir das quais emergem vivências, tanto do/a entrevistado/a como as intersecções no contexto situacional. As narrativas colocam em voga a importância dos/as sujeitos/as da pesquisa, que muitas vezes a história insiste em invisibilizar, colocando-os/as na centralidade de diversos cruzamentos (RICOEUR, 2006).

Como campo de pesquisa, cabe nos perguntar sobre que tipo de conhecimento é possível gerar com base nessas narrativas de si e qual é a sua relevância para a investigação científica no que concerne aos conhecimentos humanos e sociais (SOUZA, 2023). Por isso entendemos que é um método que permite conhecer como o/a sujeito/a entende suas experiências biográficas particulares, e como cria significado a partir dos fatos vivenciados. A função do/a pesquisador/a durante a entrevista é fazer com que o/a colaborador/a se torne um/a narrador/a, orientando-o/a, para contar as experiências de vida e seu entendimento pessoal dela.

Nesse sentido, Ricoeur (2006. p. 115) ressalta a importância de narrar “aprender a narrar-se é também aprender a narrar a si mesmo de outro modo”. A quem narra cabe escolher o que será revelado e, por essa razão, esse método se atém na seleção de lembranças, memórias e experiências formadoras da trajetória do/a entrevistado/a. Outro ponto importante é que há nas entrevistas narrativas uma importante característica participativa, uma vez que a história emerge a partir do envolvimento, da troca, do diálogo entre quem entrevista e quem é entrevistado/a.

Para Ricoeur (2006) no processo narrativo o/a participante encontra-se implicado/a na série de eventos evocados, ao passo que na descrição ele/a, na condição de participante, se encontra apartado do relato que adquire uma dimensão descritiva e observacional. Envolvido/a pela trama das narrativas, o estilo dos textos produzidos torna-se mais fluente e mais próximo da literatura, mas, sobretudo, nos ajuda a repensar sobre questões que dizem respeito a todos/as.

Nos últimos anos, a pesquisa (auto)biográfica tem se destacado como uma abordagem colaborativa para a formação de docentes. Essa metodologia vem proporcionando novas maneiras de (re)pensar a prática docente no contexto contemporâneo, especialmente no que se refere às relações estabelecidas entre os indivíduos que compõem os espaços escolares. As narrativas (auto)biográficas demonstram um grande potencial formativo, contribuindo significativamente para os processos de (re)construção de sentidos e significados no trabalho docente. Historicamente, essa prática esteve limitada à mera reprodução de conteúdos, desconsiderando as diferenças existentes nas escolas e nos contextos culturais e socioeconômicos de cada comunidade (AUTORA et al, 2019).

A escolha das narrativas para análise das questões apresentadas surge principalmente porque as memórias podem ser entendidas como discurso que nos constituem, formas textuais de dizer sobre si mesmo. Nós somos o que contamos ou narramos para nós próprios e para os outros. As narrações fazem parte de nossa vida, estão nos textos orais, escritos e visuais, está presente em todos os tempos, em todos os espaços, em todas as sociedades. É composta por uma sequencia singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo pessoas como personagens ou autores, “ela pode ser “real” ou “imaginária” sem perder seu poder como história” (BRUNER, 2002).

Ao tratar da entrevista narrativa, como uma das possibilidades de colheita na pesquisa biográfica Delory-Momberger (2012), fala de aspectos relacionados à finalidade de tal procedimento, destacando o papel da subjetividade, das experiências constitutivas da individualidade e de processos de individuação, mediante o exercício dialógico da escuta de disposições da “exterioridade social e interioridade pessoal” dos tempos e espaços das biografias individuais e coletivas.

Assim, nas narrativas o/a autor/a não informa sobre sua experiência, mas conta sobre ela, tendo com isso a oportunidade de pensar algo que ainda não havia pensado. A narrativa,

portanto, provocar nos/as ouvintes diversas reações emocionais, tem a característica de sensibilizar e fazer o/a participante assimilar as experiências de acordo com as suas, evitando explicações e abrindo-se para diferentes possibilidades de interpretação. Interpretação não no sentido lógico de analisar de fora, como observador/a neutro/a, mas interpretação que envolve a experiência do pesquisador/a e do pesquisado/a no momento da entrevista e as experiências anteriores deles/as, transcendendo-se assim o papel tradicional destinado a cada um/a envolvido/a.

As entrevistas narrativas são, pois, dispositivos para gerar histórias e, por isso, podem ser compreendidas de variadas formas após a captação e a transcrição dos dados. Neste processo são envolvidas as características para-linguísticas (tom da voz, pausas, mudanças na entonação, silêncio que pode ser transformado em narrativas não ouvidas, expressões entre outras), fundamentais para se entender o que não é falado, pois no contexto de análise de narrativas explora-se não apenas o que é dito, mas também a forma como é expresso (RICOEUR, 2006).

Diante das questões metodológicas apresentadas, é imprescindível voltar para um movimento de escuta e posterior apreensão da realidade de professores da rede municipal de educação de Gandu, locus do estudo. Na pesquisa, através das histórias de vida e das experiências pedagógicas de professores do ensino fundamental, buscaremos dialogar com as travessias das masculinidades construídas na relação entre vida-formação-profissão. Nesta perspectiva, inicialmente planejamos uma escutatória com professores do sexo masculino, de faixa etárias variadas, presentes em todas as modalidades ofertadas na rede, a saber (Educação Infantil, Ensino Fundamental (anos iniciais), Ensino Fundamental (anos finais), Educação do Campo e Educação de Jovens e Adultos – EJA). No ano letivo de 2024, a rede municipal possui 37 professores em atuação, destes, 02 estão na Educação do Campo, 01 na Educação Especial, 07 na Educação de Jovens e Adultos e 27 no Ensino Fundamental – anos finais.

A colheita das histórias de vida será realizado através da Entrevista Narrativa que é uma vez nas pesquisas qualitativas é amplamente reconhecida, especialmente nas pesquisas no campo da educação. Para Jovchelovitch; Gaskell (2010), a entrevista narrativa (EN), projetada por Schütze, envolve quem vai ser entrevistado a contar fatos marcantes da vida, caracterizando esse ato de narrar e escutar histórias em um método para atingir seus objetivos da pesquisa.

As escutórias, a qual chamaremos de roda-de-conversa será a oportunidade convidar interessados em participar como colaborador, ou seja, momento de mobilização para participação no processo de pesquisa. Depois disso, e informado os objetivos da pesquisa, será realizado o convite para representantes de cada modalidade ou etapa de ensino, os interessados serão os colaboradores. Serão 05 professores participantes, que depois do aceite, seguindo os protocolos das pesquisas com seres humanos, iniciarão o processo de construção de relatos narrativos de experiências pedagógicas, inspirado no dispositivo epistemo-político-

metodológico da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas (SUÁREZ,2005, autora, 2022)

Abordagem a proposta de análise compreensivo-interpretativa para trabalhar com as narrativas, pois cabe ao pesquisador o movimento de compreender as interpretações que são construídas pelos/as colaboradores/as nas produções das narrativas. Este caminho, que assume uma ação epistemológica “compreensivo-interpretativa”, exige que, em primeiro lugar, se compreenda que elas são circunstanciais, passíveis de uma reelaboração biográfica da própria pessoa De acordo com o movimento compreensivo- interpretativo, pautam-se no giro hermenêutico que exige a mediação entre o processo de explicação e compreensão (RICOEUR, 1976).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As produções e construções desta pesquisa refletirão uma gama de sentidos e significados sobre as masculinidades, principalmente as dissidentes, na luta pelo reconhecimento e valorização de suas identidades e constituição sociocultural. Além disso, contribuirá para que professores e professoras utilizem as salas de aulas como palco de discussão e reconstrução dessas novas formas de ser homem, pois sabemos que as representações sociais exercem influências significativas no trato da lgbtqfobia, que ocorrem em diversos contextos sociais.

Refletir masculinidades e seus atravessamentos é, antes de tudo, pensar a construção de sua humanidade, interrompida por práticas machistas, ou seja, pensar masculinidades nas suas muitas nuances é criar estratégias de resistência e de reivindicação de nossas pautas. Por isso, acreditamos que é nas travessias entre as histórias de vida e as experiências pedagógicas de professores que buscaremos modos outros de habitar a profissão docente na educação básica a partir de outras políticas de conhecimento produzidas na relação entre vida-formação-profissão.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades. Narrativas. Experiências pedagógicas. Educação Básica

REFERÊNCIAS

AUAD, D. **Educar meninas e meninos:** relações de gênero na escola. São Paulo: Contexto, 2006.

AUTORA et all (2019)

AUTORA, 2022

BRUNER, J. **Atos de significação.** 2. ed. Trad. Sandra Costa. São Paulo: Artmed, 2002.

- CONNELL, R. W. **Políticas da Masculinidade**. Educação & Realidade, 20(2), pp. 185-206, 1995.
- DELORY-MOMBERGER, C. Abordagem metodológica na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, 523-740, set./dez. 2012.
- LOURO, G. L. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. In: **Revista brasileira de pesquisa sobre formação docente**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, v.4, n.4, jan/jul p. 62-70, 2011.
- NÓVOA, A. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. In: NÓVOA, António. **Professores: imagens do futuro presente**. Educa: Lisboa, 2009.
- PASSEGGI, M. C. (Org.). **Tendências da pesquisa (auto)biográfica**. São Paulo: Paulus; Natal:EDUFRN, 2008.
- PRIORE, M. D; AMANTINO, M. (Orgs.) **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2013.
- RICOEUR, P. **Percurso do reconhecimento**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- SOUZA, E. C . (Auto)biografia, ciência e arte. **Revista E-Curriculum (PUCSP)** , v. 21, p. e59921, 2023.
- SOUZA, E. C. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação. Santa Maria**, Santa Maria , v. 39, n. 01, p. 39-50, abr. 2014 . Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64442014000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 ago. 2023.
- SUÁREZ, D. H. **La documentación narrativa de experiencias pedagógicas: una estrategia para la formación de docentes**. Buenos Aires: Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnología, 2005.